

10558 - Capacitação de agentes de 'ATER': caminhos para o desenvolvimento rural sustentável no semiárido potiguar

DIAS, Nildo da Silva¹; MOURA, Olga Nogueira de Sousa²; SILVA, Gleydson de Freitas³; SOUZA, Ana Cláudia Medeiros⁴; MELO, Adriana Karla Fernandes⁵

1 Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA), nildo@ufersa.edu.br; 2 UFERSA, olgaarbm@uol.com.br; 3 UFERSA, gleydson_caico@hotmail.com; 4 UFERSA, anaclaudia.gambiental@hotmail.com; 5 UFERSA, nanakarlamelo@hotmail.com

Resumo: A referida pesquisa trata-se de um relato da experiência vivenciada durante o curso de Formação de Agentes de Assistência Técnica em Extensão Rural (ATER) em Manejo Ecológico e Conservação dos Solos e da Água.

Palavras-chave: Extensão rural; assistência técnica; desenvolvimento rural sustentável.

Contexto

Os agentes de ATER tem uma função importante na transferência dos princípios de sustentabilidade da agricultura praticada no semiárido nordestino e, principalmente, na inclusão de agricultores familiares em um mercado crescente para produtos ecologicamente produzidos, pois são eles que estão em contato direto com os agricultores e com a realidade do campo.

Nesta perspectiva foram oferecidos, no semestre letivo 2010.1, um total de 35 vagas para o curso de capacitação em Manejo Ecológico e Conservação dos Solos e da Água, no âmbito da Chamada 3 do Edital MCT/CNPq/MDA/SAF/Dater n ° 033/2009, o qual é voltado para profissionais das Ciências Agrárias, de nível médio e/ou superior, vinculados à entidades de ATER governamental ou não-governamental, que atuam com agricultores familiares e que estão credenciadas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, conforme a Portaria Conjunta MDA/INCRA nº10, de 11 de agosto de 2005. A sede do curso está situada na estrutura física do setor de Solos e Nutrição de Plantas do DCAT/UFERSA e conta, principalmente, com a participação de professores da UFERSA e de outras instituições de ensino e pesquisa.

A proposta de realização desse curso buscou superar a visão homogeneizadora e depreciativa do campo, implicando na produção de um conhecimento voltado para um projeto de desenvolvimento para os povos do campo baseados em processos educativos voltados para a sua inclusão e emancipação.

O objetivo do curso é qualificar profissionais do programa de ATER em Manejo Ecológico e Conservação dos Solos e Água, a partir de princípios sistemáticos de sustentabilidade agrícola em bases ecológicas, visando a sua formação técnica, humanista, política e social, comprometida com a transformação da realidade dos povos do campo.

Descrição da Experiência

O curso tratou da formação dos profissionais do campo através da construção e realização de módulos de aprendizagem, compreendendo momentos de atividades presenciais em sala de aula e atividades de campo, com carga horária de 144 horas. Compreende-se por módulo de aprendizagem a organização, realização e gestão de atividades pedagógicas que podem se realizar em salas de aula, no campo e por meios de outros formatos pedagógicos e de eixos temáticos durante um tempo definido.

Para tanto, o dado evento trabalhou com elementos que lhe conferem caráter de experimentação não no sentido da improvisação, mas sim do compartilhamento e da construção e gestão coletiva. Todos os ministrantes do curso participaram do planejamento e decisões sobre os aspectos relativos aos conteúdos de aprendizagem e à metodologia a ser exercida.

O mesmo foi realizado em tempos presenciais compreendendo quatro módulos que guardam outra lógica, a qual rompe com a ideia tradicional de transmissão de conteúdo via disciplinas. Cada módulo reuniu conteúdos agrupados segundo suas possibilidades de encontros, de transversalidade, de conexões em etapas de aprendizagem. O objetivo dessas etapas foi de propiciar a articulação entre os módulos, instigando uma análise conectada com a realidade dos agricultores familiares.

Para cada módulo, a coordenação (geral e pedagógica) optou por professores/instrutores que tivessem identificação com Agroecologia e Agricultura Familiar. Para tanto, buscou-se alguns professores que já se desligaram formalmente da academia (aposentados) para ministrarem partes dos módulos, como também serem facilitadores (no sentido que participassem de todos os módulos para estimular a interação professor e participante).

A coordenação pedagógica teve a preocupação especial com a questão metodológica da produção do conhecimento, fazendo da prática do curso um espaço de diálogo e de aprofundamento teórico, permitindo ao conjunto de participantes extrair lições para outras atividades de formação. Desse modo, entende-se que o diálogo é fundamento da metodologia, pois, ele possibilita a contradição, o conflito e o início da transformação.

Através do diálogo é possível interagir e trocar saberes, valorizando os conhecimentos e as experiências subjetivas e pessoais, bem como compartilhar o mundo lido. O diálogo deve acontecer na sala de aula e na atuação diária, de modo que possibilite o envolvimento dos participantes, enquanto sujeitos do processo e co-responsáveis pelos resultados. Acredita-se que toda coletividade envolve indivíduos que devam ser respeitados enquanto construtores de saberes. O conhecimento não é só história, nem epistemologia, nem lógica, é diálogo (conhecimento construído em diálogo com o mundo). Sendo assim, quando se coloca o diálogo como metodologia, imediatamente é necessário considerar a construção do saber nascida através dele. A leitura do mundo e da realidade do campo, a contextualização histórica, a análise do cotidiano e a crítica transformadora são elementos da metodologia do curso.

Nesse contexto, vale salientar que a leitura do mundo e da realidade do campo foram o marco de apresentação e aprofundamento o qual permeou todos os módulos como, por exemplo, a temática da convivência com o semiárido que perpassou por todos os módulos de aprendizagem, o uso de diferentes ações pedagógicas, como seminários, oficinas, visitas técnicas, assembléias, reuniões, estudos dirigido e individual, etc.

Cada módulo teve um professor articulador que desenvolveu o papel de integrar os professores responsáveis pelo módulo de discutir e articular conteúdos, metodologias e as ações pedagógicas. Esse professor articulador esteve em contato permanente com o coordenador geral e o coordenador pedagógico para garantir unidade e compreensão na diversidade, ocorrendo assim, várias reuniões prévias e durante o processo com a equipe de professores de cada etapa nesta perspectiva.

Os tempos educativos foram planejados na primeira semana do curso e compreenderam tempos de estudo, de trocas, dentre outras formas e ações pedagógicas que foram construídas e incorporadas ao longo do mesmo. A forma de organização dos participantes do curso e o processo de gestão do curso foram discutidos e definidos com a turma, no primeiro dia do primeiro módulo com base numa proposta de gestão participativa.

O curso garantiu um tempo de estudo individual e dirigido, o qual teve como fundamental importância a presença de professores/ministradores dos módulos para a sugestão de bibliografias além de orientar leituras. Em alguns casos, esse tempo também foi utilizado para o trabalho em grupos de estudo, e/ou para seminários sobre tópicos temáticos especiais, considerados necessários no processo de formação e não contemplados pelos módulos.

Resultados

A proposta do referido curso incorreu em inúmeros desafios, como a formação de uma nova matriz pedagógica e de conhecimento sobre as práticas de manejo de agroecossistemas e a conservação de solos e da água, a partir dos princípios da sustentabilidade e com as competências atribuídas a cada parceiro desse projeto transformador. Construir coletivamente os eixos norteadores desse curso foi o primeiro passo no seu processo de formação.

Para tanto, a participação das entidades parceiras que interagem com a instituição proponente do curso de formação foi fundamental para assegurar a construção de uma proposta incluyente, que considerou os modelos de produção alternativa exercitados pelos povos do campo, levando em conta as várias formas de uso e de apropriação dos recursos naturais e ambientais.

No tocante à formação profissional observou-se que a maioria dos inscritos são Engenheiros Agrônomos (21), seguidos respectivamente, de Técnicos Agrícolas (7); Assistente Social (1); e Gestora Ambiental (1). A relação de gênero deu-se com inscritos de ambos os sexos, culminando em um total de 22 homens e 8 mulheres.

Estes profissionais de diversas microrregiões do Rio Grande do Norte e com faixas etárias bem diferentes proporcionaram ao curso uma riqueza muito grande de indagações e trocas de experiências. Das várias atividades executadas e propostas pelos facilitadores, todas eram realizadas e bem explicadas por todos ao longo dos módulos. As aulas de campo sempre com foco em situações onde se fazia necessário a utilização dos conhecimentos gerados em sala de aula para dar respostas às realidades encontradas nos ambientes estudados.

A metodologia conseguiu superar as expectativas, tanto na avaliação dos participantes quanto na construção do curso na forma de módulos, separados entre meses e colocados nos finais de semana, o que facilitou a participação, principalmente, dos técnicos/as das ONGs. A possibilidade de fazer atividades nesse intervalo de um mês entre os módulos foi fundamental para a realização das atividades propostas pelos facilitadores, bem como, para a fixação dos conteúdos trabalhados.

Os conteúdos abordados durante os módulos seguiram a proposta sugerida no início do curso, os quais foram trabalhados de forma dinâmica, que proporcionou uma significativa interação durante as aulas. Os trabalhos em grupo sempre trouxeram uma maior aproximação entre os participantes, possibilitando melhoria da oralidade, já que sempre era proposto a apresentação das respostas provenientes dos questionamentos levantados para o grupo.

As aulas práticas foram fundamentais para que pudéssemos ter noção da verdadeira realidade das condições de solo e água da nossa região em todos os módulos, cuja ferramenta foi enfatizada e realizada em um agroecossistema que tinha íntima relação com a temática exposta na aula e sempre com a presença dos agricultores/as proprietários/as da área em estudo. Durante este momento enriquecedor foi notada a importância do conhecimento popular dos agricultores/as para entendermos o quanto a paisagem foi modificada ao longo do tempo.

A interação promovida por estes momentos foi significativa para valorizarmos o conhecimento popular, e para saber que a nossa atuação deve sempre ser em conjunto com os verdadeiros/as atores/as “que na terra vivem e que da terra sobrevivem, agricultores e agricultoras.”

A coordenação pedagógica sugeriu ainda que os/as alunos/as buscassem situações/questões de sua vivência profissional e atuação para a montagem das aulas e discussão de soluções/problemas. Infelizmente, isto funcionou parcialmente, pois, os participantes ainda não tinham a compreensão dos métodos de ensino não-convencional.